

## CONHECIMENTOS E PRÁTICAS SOBRE MÉTODOS CONTRACEPTIVOS E IST'S EM ACADÊMICAS DE ENFERMAGEM

KNOWLEDGE AND PRACTICES ABOUT CONTRACEPTIVE METHODS AND IST'S IN NURSING STUDENTS

Laís de Caldas Nascimento<sup>1</sup>  
Ágda Karolyne Ferreira de Arcamino<sup>2</sup>  
Walter Dias Junior<sup>3</sup>

**RESUMO:** O presente estudo tem como objetivo identificar o nível de conhecimento e práticas sobre métodos contraceptivos e IST's entre as acadêmicas de Enfermagem, identificar o método contraceptivo de preferência das universitárias, descobrir os motivos que determinam na escolha do método e identificar a correlação entre a escolha do método contraceptivo e a prevenção das IST's. Esse estudo é do tipo descritivo, transversal com abordagem quantitativa. A amostra foi composta por discentes do curso de Enfermagem da Universidade Estadual de Goiás (UEG) Unidade Universitária (UnU) Ceres-GO, do 1º ao 10º período. Para a coleta de dados, foi utilizado um questionário estruturado, os dados foram tabulados e apresentados por meio de tabelas e figuras. A pesquisa foi realizada no período de setembro a dezembro de 2022. Participaram do estudo 67 acadêmicas com idade média de 23 anos, variando entre 18 e 55 anos. O método contraceptivo preferido por 23,8% (n=16) das jovens é o Anticoncepcional via Oral (ACO), seguido do Preservativo Masculino + ACO (22,3%; n=15) e o Preservativo Masculino, o contraceptivo é usado apenas por 11,9% (n=8). Foi possível concluir que as acadêmicas possuem conhecimento sobre os diversos tipos de métodos contraceptivos, porém com tanta diversidade disponível, alguns métodos são deixados de lado, embora tenham fácil acesso à informação, as estudantes, mesmo matriculadas em um curso na área da saúde, ainda carecem de educação em saúde sexual. Este déficit foi evidenciado pelo fato de que não possuíam conhecimento sobre todos os métodos preventivos disponíveis.

**Palavras-chave:** Comportamento sexual. Anticoncepção. Universitárias. Prevenção.

**ABSTRACT:** The present study aims to identify the level of knowledge and practices regarding contraceptive methods and STIs (Sexually Transmitted Infections) among nursing students, identify the preferred contraceptive method among university students, discover the reasons influencing their method choice, and identify the correlation between the choice of contraceptive method and the prevention of STIs. This study is descriptive, cross-sectional, and employs a quantitative approach. The sample consists of nursing students from the State University of Goiás (UEG), Unit University (UnU) Ceres-GO, ranging from the 1st to the 10th semester. For data collection, a structured questionnaire was used, and the data were tabulated and presented through tables and graphs. The research was conducted from September to December 2022. A total of 67 female students participated in the study, with an average age of 23 years, ranging from 18 to 55 years. The preferred contraceptive method for 23.8% (n=16) of the participants is Oral Contraceptive Pills (OCP), followed by Condom + OCP (22.3%; n=15), and Male Condom, which is used by only 11.9% (n=8). It was possible to conclude that the students have knowledge about various contraceptive methods. However, with so much diversity available, some methods are overlooked. Despite easy access to information, the findings suggest a need for sexual health education. Even students in a health-related course lacked awareness of all preventive methods.

**Keywords:** Sexual behavior. Contraception. University students. Prevention.

<sup>1</sup>Discente de graduação em Enfermagem. Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Ceres GO.

<sup>2</sup>Discente de graduação em Enfermagem. Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Ceres GO.

<sup>3</sup>Dr. em Fisiologia Geral e Docente Pesquisador. Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Ceres /GO.

## INTRODUÇÃO

As políticas públicas voltadas para a saúde da mulher foram integradas no Brasil nas primeiras décadas do século XX. No entanto, os programas do Ministério da Saúde na época estavam principalmente centrados na assistência gravídico-puerperal, deixando lacunas ao não abrangerem integralmente as diversas fases da vida da mulher. As questões relacionadas à saúde sexual e reprodutiva eram praticamente negligenciadas no âmbito da saúde pública (BRASIL, 2013).

Em 1984, o Ministério da Saúde lançou o Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM). Sua criação foi resultado do impulso de movimentos feministas, e o programa se destacou por concentrar-se integralmente na saúde da mulher. Ao adotar uma abordagem abrangente, o PAISM contemplava todas as fases da vida feminina, incorporando também a atenção à saúde reprodutiva (BRASIL, 2013; BARBOZA, et al., 2021).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) conceitua saúde sexual e reprodutiva como a liberdade que as pessoas possuem para desfrutar da sexualidade sem riscos, abrangendo a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (IST's), gravidez não planejada, violência ou coação. Além disso, enfatiza o direito de escolha em relação ao desejo de ter filhos, assegurando que, caso não haja tal desejo, indivíduos devem ter acesso a métodos contraceptivos seguros e eficazes (BRASIL, 2013).

A sexualidade apresenta grande importância para o desenvolvimento psíquico, biológico e social na vida do ser humano, sendo determinada durante as fases da vida, das quais a juventude é uma fase marcada por descobertas, desejos e liberdade (SILVA, 2019; PAIVA, et al., 2020).

Um fator impulsionante para o início da vida sexual é a entrada na universidade, pois os acadêmicos ficam expostos a uma nova realidade, e podem estar associadas a utilização de álcool e outras drogas, além disso, podem estar mais vulneráveis a vivências que eram proibidas pelos pais, que podem levar a realização da prática sexual sem proteção (SILVA, 2019; PAIVA, et al., 2020).

O Ministério da Saúde instituiu, em 2005, a Política Nacional dos Direitos Sexuais e dos Direitos Reprodutivos. Essa iniciativa tinha como objetivo facilitar o aumento do acesso aos métodos contraceptivos reversíveis pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Além disso, visava estimular a implementação de ações educativas voltadas para a saúde sexual e reprodutiva dos usuários, bem como promover subsídios para a qualificação dos profissionais que atuam na Atenção Básica (BRASIL, 2013).

Nos Estados Unidos foi realizado um estudo que mostrou o método reversível mais utilizado no país, as pílulas anticoncepcionais, contudo 750 mil gestações não planejadas aconteceram, comprovando que a ineficácia do método se dá pela falta de conhecimento e má utilização. Um outro estudo no país demonstrou um alto índice de gravidez indesejada, em que 56% das gestações não haviam tido planejamento (SILVA, 2019).

Em 2015, a Organização das Nações Unidas (ONU) publicou um relatório no qual apresentava que 64% das mulheres que mantêm um relacionamento já consolidado fazem uso de algum método contraceptivo para não engravidar. No mesmo ano, uma pesquisa realizada pelo IBGE, demonstrou que cerca de 69,2% da população feminina já teve alguma gestação. Os métodos contraceptivos mais utilizados no mundo, respectivamente são, laqueadura, pílula anticoncepcional, preservativo e vasectomia (ONU, 2016; IBGE, 2015).

Apesar das recentes pesquisas mostrarem uma diminuição na fecundidade da população, a ocorrência de casos de IST's cresce cada vez mais. De acordo com o boletim epidemiológico (2017), foi registrado ao ano, cerca de 357 milhões de novos casos de clamídia, sífilis, tricomoníase e gonorréia. Isso caracteriza um grande problema de saúde pública, sobretudo por se tratar de uma população jovem (BRASIL, 2017a; BRASIL, 2017b; BRASIL, 2017c; SILVA, et al., 2013).

Sendo assim, uma das principais estratégias do cuidado da Enfermagem é a Educação em Saúde, pois se refere a ações que priorizam a prevenção de agravos e promoção da saúde, nesse contexto, o enfermeiro pode promover conhecimento a respeito da sexualidade, do uso correto dos métodos contraceptivos e preventivos, possibilitando assim o direito a saúde e a vida com qualidade e autonomia (LIMA FILHO et al., 2023).

Dessa forma, a gravidez precoce e a ocorrência de IST's são problemas de saúde pública, e a forma mais eficaz de prevenir é pelo conhecimento e uso correto dos métodos contraceptivos e de proteção. Além disso, as acadêmicas de Enfermagem, por possuírem acesso facilitado a informações e aos diversos tipos de métodos contraceptivos, devem ser capazes de fazer a utilização correta desses métodos e levar uma vida sexual mais saudável. Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo identificar o nível de conhecimento e práticas sobre métodos contraceptivos e preventivos contra IST's entre as estudantes de Enfermagem.

## METODOLOGIA

O método utilizado nesse estudo foi do tipo descritivo, transversal com abordagem quantitativa e foi desenvolvido na Universidade Estadual de Goiás (UEG) Unidade

Universitária (UnU) Ceres-GO. As participantes dessa pesquisa foram discentes do curso de Enfermagem, do 1º ao 10º período regularmente matriculadas na universidade, do sexo feminino, que fossem maior de 18 anos, totalizando 79 participantes. No entanto, 12 não tinham uma vida sexual ativa e foram descartadas da pesquisa.

A pesquisa teve início após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/UEG), por meio do parecer nº 5.584.747. Após a abordagem de cada participante foi elucidado o objetivo da pesquisa, garantido a privacidade assegurado pelo TCLE, e em seguida foi entregue o questionário impresso para o preenchimento pelas universitárias.

A coleta de dados foi realizada no período de setembro a dezembro de 2022, na UEG Unidade Universitária de Ceres-GO, por meio da aplicação de um questionário composto por questões objetivas, pertinentes aos objetivos propostos da pesquisa. Este questionário foi elaborado inspirado no instrumento dos autores Barboza (2021) e Silva (2019), foi validado previamente com um grupo de acadêmicas de enfermagem, após assinarem o TCLE seguiram os mesmos protocolos do experimento mas não participaram da pesquisa. Após a coleta, foi realizado a tabulação dos dados e os resultados sendo dispostos através de figuras e tabelas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apesar dos grandes avanços conquistados ao longo da história da contracepção no Brasil, o uso de contraceptivos de forma consistente e a prevenção da gravidez não planejada e das IST's continua sendo um desafio atual para a saúde pública (SOUZA, 2017).

Ao relacionar essa informação ao público universitário, tem-se como hipótese que as acadêmicas façam o uso adequado dos métodos contraceptivos, uma vez que, o ensino superior estimula o pensamento reflexivo e o caráter científico. Conforme a Lei Nº 9.394/96 das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), este grau de escolaridade forma profissionais habilitados para contribuir com o desenvolvimento da sociedade (CASTRO et al., 2016). Visto isso, apresentamos a seguir os resultados referente às características sócio-demográficas e aos conhecimentos e práticas de contracepção e prevenção de IST's de 67 graduandas do curso de Enfermagem da UEG Unidade Universitária de Ceres.

As características sociodemográficas das universitárias de Enfermagem UEG/UnU-Ceres estão demonstradas na Tabela 1. É possível notar que a faixa etária predominante é de 18-23 anos (65,67%), tendo como idade média 20,67 anos, 82,08% das acadêmicas declararam sua ocupação como estudante, no que diz respeito a moradia, 38,80% moram sozinhas, além de serem predominantemente solteiras (68,65%) (Tabela 1).

Sendo assim, observamos que a maioria das participantes da pesquisa estão em uma fase de plena idade fértil e reprodutiva. De acordo com Castro et al. (2016) as IST's são “mais prevalentes entre jovens de 14 a 29 anos e os universitários constituem população altamente exposta [...]”, corroborando com os nossos resultados.

**Tabela 1** – Características sociodemográficas das acadêmicas. Dados coletados em 2022.

Característica	N	%
<b>Idade</b>		
18-23	44	65,67
24-29	14	20,89
30-35	1	1,49
Acima de 35	6	8,95
Em branco	2	2,98
Total	67	100
<b>Ocupação</b>		
Estudante	55	82,08
Agente de Saúde	3	4,47
Auxiliar de Cartório	1	1,49
Empreendedora	1	1,49
Esteticista	1	1,49
Professora	1	1,49
Em branco	5	7,46
Total	67	100
<b>Estado Civil</b>		
Casada	12	17,91
Solteira	46	68,65
Divorciada	3	4,47
Outro	4	5,97
Em branco	2	2,98
Total	67	100
<b>Moradia</b>		
Familiares	21	31,34
Sozinha	26	38,80
Amigos	13	19,40
Outro	7	10,44
Total	67	100

**Fonte:** NASCIMENTO, L.C.; ARCAMINHO, A.K.F.; DIAS-JR, W. 2023.

Além disso, podemos deduzir que as acadêmicas que possuem ocupações como professora (1,49%) e agente comunitária de saúde (4,47%), possuem ainda mais informações para fazer escolhas adequadas quanto ao uso de métodos contraceptivos.

Da amostra obtida 8,9% (n=6) das estudantes responderam ser bissexual, 4,4% (n=3) informou ser homossexual, em contrapartida 86,5% (n=58) responderam ser heterossexual.

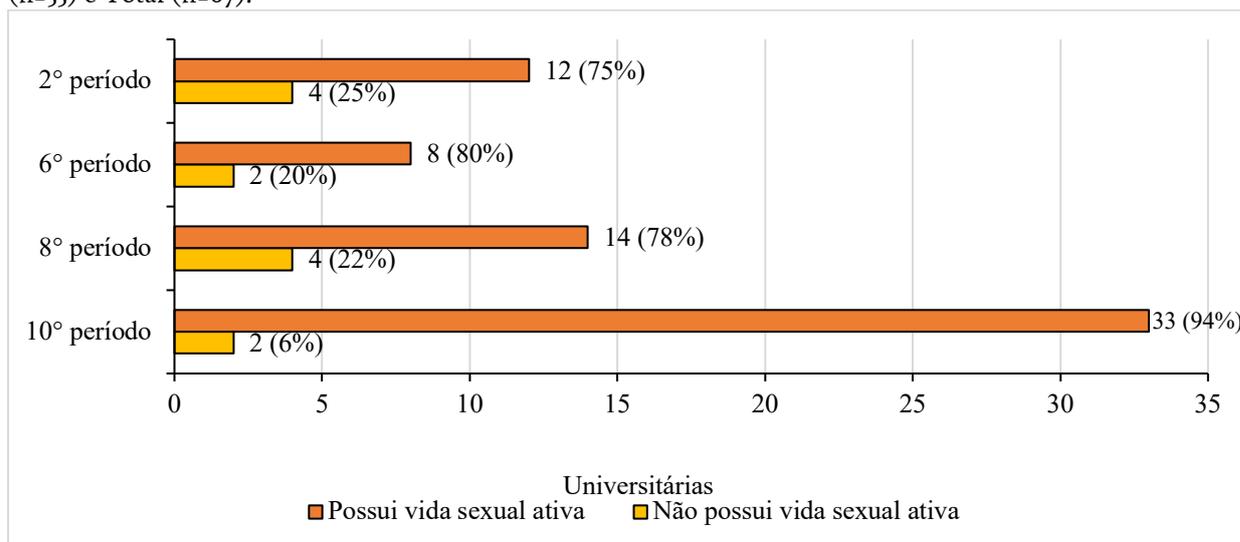
Esse dado é relevante, uma vez que estudos conduzidos com mulheres lésbicas no Brasil sugerem que elas têm a tendência de buscar os serviços de saúde com menos regularidade em comparação com as pacientes heterossexuais (FERNANDES et al, 2018).

Segundo Carvalho et al. (2013), ainda hoje persistem desafios e silenciamentos no que diz respeito à sexualidade, especialmente no contexto da homossexualidade feminina. Essas barreiras têm impactos nos cuidados de saúde e no acesso a serviços para essa população.

É necessário que as mulheres homossexuais e bissexuais sejam orientadas quanto aos comportamentos e práticas sexuais de risco, como os demonstrados por Lima (2016), que são: múltiplas parceiras, uso inconsistente de preservativo nos relacionamentos bissexuais, sexo com parceira menstruada e compartilhamento de acessórios sexuais. Em vista disso, é importante evidenciar as pesquisas científicas que demonstram a possibilidade de transmissão do papiloma vírus humano (HPV) em relações sexuais desprotegidas entre mulheres, decorrente de lesões intraepiteliais na região vaginal (LIMA, 2016).

A Figura 1, ilustra a distribuição das acadêmicas com vida sexual ativa por período letivo. Podemos constatar que desde o início da Universidade a prática sexual já está presente na vida das estudantes, sendo observada em 75% das universitárias. Esse comportamento tende a aumentar com a progressão da graduação, aumentando em até 19% antes da conclusão do curso.

**Figura 1** – Distribuição das acadêmicas do curso de Enfermagem da UEG Unidade Universitária de Ceres, por período letivo quanto a atividade sexual. Dados coletados em 2022. 2º P (n=12); 6º P (n=8); 8º P (n=14); 10º P (n=33) e Total (n=67).



As participantes que não possuem vida sexual ativa foram inseridas apenas com a finalidade de fazer uma comparação, visto que não entraram na pesquisa pelos critérios de exclusão. **Fonte:** NASCIMENTO, L.C.; ARCAMINHO, A.K.F.; DIAS-JR, W. 2023.

Nos períodos iniciais da graduação podemos perceber a necessidade dos estudantes em criar amizades e tentar se acostumar à nova vida de estudos e compromissos. Com uma

rotina sobrecarregada e uma crescente autonomia e liberdade entre os jovens, surgem novos padrões de comportamento, incluindo aqueles relacionados à esfera sexual, influenciados por ambientes e grupos diversos.

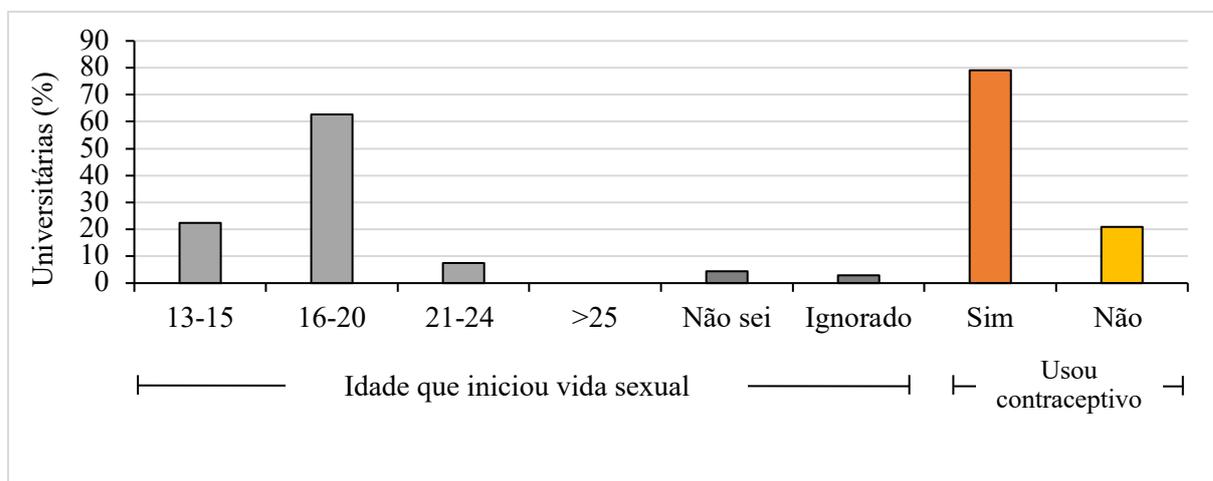
Castro et al. (2016) afirmam que os estudantes recém-chegados à universidade enfrentam novas experiências que despertam sentimentos de alegria e entusiasmo, ao mesmo tempo em que podem surgir inseguranças e ansiedades. Nesse contexto, é comum que comportamentos sexuais de risco se iniciem, como a falta de atenção ao uso de métodos contraceptivos e à prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (IST's).

A Figura 2, demonstra a distribuição das acadêmicas conforme a sua primeira relação sexual. Nota-se que a faixa etária de maior percentual de iniciação sexual é a dos 16-20 anos (62,68%, n=42), corroborando com a média de idade de outros estudos (SARMENTO et al., 2018; e SANTOS et al., 2018).

Um fato a ser observado é que 22,38% das estudantes iniciaram a vida sexual na faixa etária dos 13-15 anos. Quanto a isso, Brasil (2013) afirma que “as mulheres estão começando sua atividade sexual cada vez mais cedo, o mesmo sucedendo com a prática da anticoncepção”. De acordo com a PNDS (2006), 33% das mulheres já haviam tido relações sexuais até os 15 anos. Outro dado importante é que na primeira relação 79,10% das estudantes utilizaram algum método contraceptivo, enquanto 20,89% das estudantes não utilizaram nenhum método (Figura 2).

Portanto, acreditamos na necessidade de integrar esse grupo de mulheres em iniciativas de prevenção e promoção da saúde sexual e reprodutiva. Isso possibilitaria que adquirissem conhecimento sobre os diversos métodos disponíveis, compreendessem a importância de cada um e, posteriormente, os utilizassem de maneira segura.

**Figura 2** – Distribuição das acadêmicas de Enfermagem da UEG Unidade Universitária de Ceres quanto à sexarca e ao uso de contraceptivo (1ª relação sexual). Dados coletados em 2022.



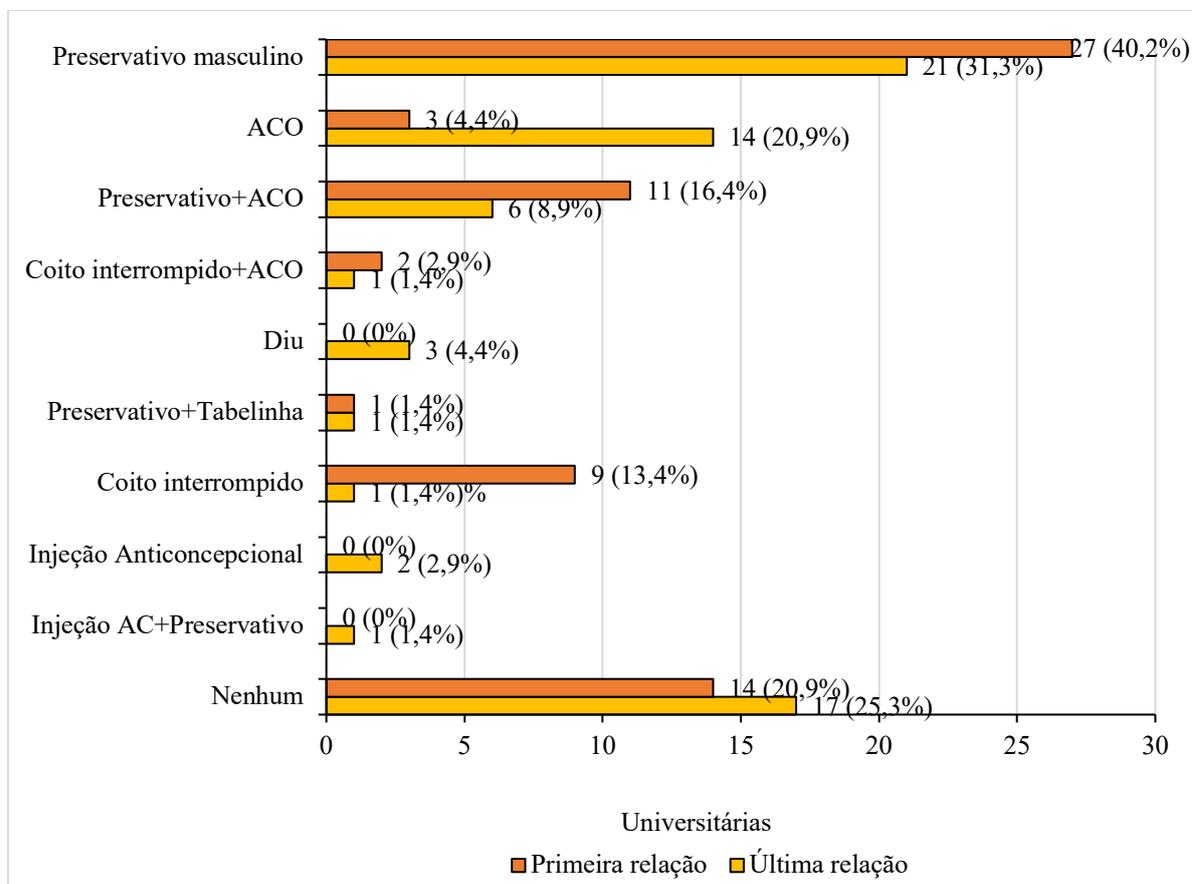
Fonte: NASCIMENTO, L.C.; ARCAMINHO, A.K.F.; DIAS-JR, W. 2023.

A Figura 3, demonstra uma comparação entre o método contraceptivo utilizado na primeira e na última relação sexual das acadêmicas, com o intuito de analisar se a Universidade tem exercido uma influência positiva nesse processo.

Posto isso, o principal método contraceptivo de escolha na sexarca (1ª relação sexual) foi o preservativo masculino (40,2%), seguido do preservativo + ACO (16,4%), coito interrompido (8,9%), ACO (4,4%), coito + ACO (2,9%), injeção anticoncepcional (2,9%) e preservativo + tabelinha (1,4%); 22,3% (n=15) das acadêmicas não adotaram nenhum método contraceptivo durante sua primeira experiência sexual (Figura 3).

Na última relação sexual, o preservativo masculino (31,3%) segue como o método preferido entre as acadêmicas, seguido do aumento do uso de ACO (20,8%). Somente 8,9% (n=6) estudantes declararam ter usado Preservativo Masculino + ACO em sua última relação. Além do mais, o número de acadêmicas que não utilizou nenhum método contraceptivo na última relação se mantém alto e preocupante, com 25,3% (Figura 3).

**Figura 3** – Comparação quanto ao método contraceptivo utilizado na primeira e na última relação sexual pelas acadêmicas do curso de Enfermagem da UEG Unidade Universitária de Ceres. Dados coletados em 2022.



ACO: Anticoncepcional Oral; Diu: Dispositivo Intrauterino; AC: Anticoncepcional. Valores se referem ao número de universitárias e a respectiva porcentagem em relação ao total de entrevistadas. **Fonte:** NASCIMENTO, L.C.; ARCAMINHO, A.K.F.; DIAS-JR, W. 2023.

Observando a figura 3 podemos notar que a maioria das estudantes teve o preservativo como seu aliado desde a primeira relação sexual, evidenciando um aspecto favorável no que diz respeito à prevenção de IST's e gravidez não planejada.

Segundo Delatorre et al. (2015), ao longo da vida sexual na juventude, as escolhas dos métodos contraceptivos parecem passar por mudanças. “O preservativo masculino tende a ser o método mais utilizado pelos jovens no momento da iniciação, sendo seguido pela pílula, que frequentemente é combinada com o preservativo”.

Observa-se a propensão ao uso do preservativo masculino em encontros casuais, em que a principal preocupação é a prevenção de IST's. Por outro lado, em relacionamentos estáveis, nota-se a substituição do preservativo pela pílula anticoncepcional, devido à confiança estabelecida entre o casal (BARBOZA et al., 2021).

A Figura 3 destaca a existência de um número significativo de acadêmicas que não recorreram a qualquer método contraceptivo na sua primeira experiência sexual e mantiveram essa conduta até a última relação. Isso nos leva a entender que o conhecimento transmitido durante as disciplinas da Universidade não tem sido eficaz o bastante para motivar essa parte das estudantes a adotar um comportamento diferente.

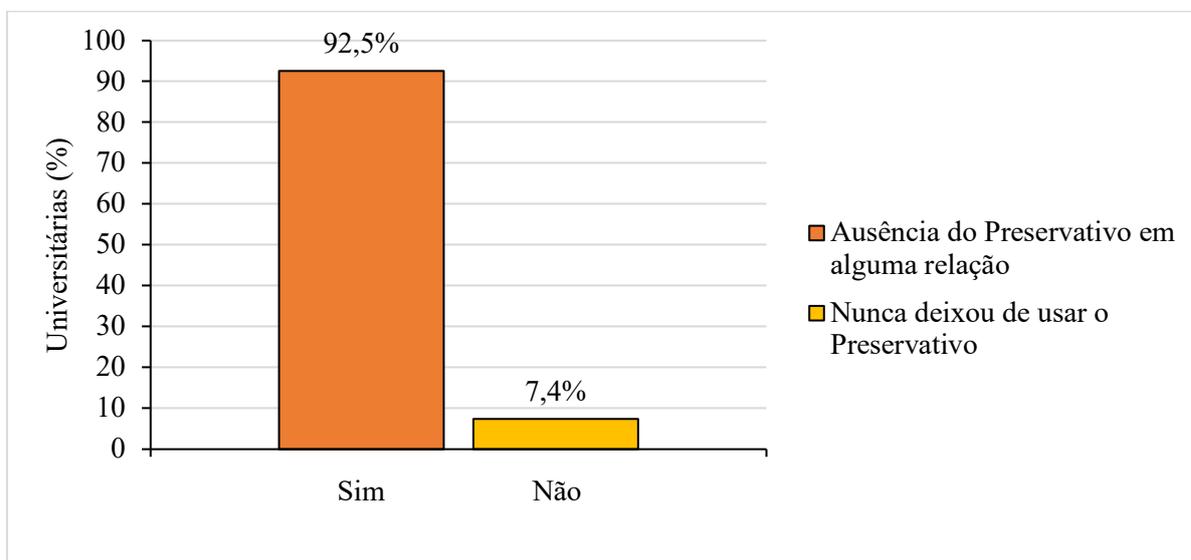
A dupla proteção é o uso simultâneo de dois métodos, como por exemplo, o ACO + Preservativo, sendo a forma mais segura de prevenir gravidez e contaminação por IST/HIV/AIDS. Os resultados (Figura 3) nos mostram que essa adesão foi baixa, diminuindo da primeira (16,4%) para a última (8,9%) relação sexual. A maioria das pessoas se sentem seguras utilizando um método anticoncepcional para a prevenção de gravidez, mas se esquecem dos riscos de contaminação por infecções que a relação sexual pode trazer, descuidando-se da dupla proteção (BRASIL, 2009).

O único método capaz de prevenir gravidez e IST's simultaneamente é o preservativo, na Figura 4 percebemos que a maior parte das acadêmicas (92,5%) já optou por não usar o preservativo em alguma relação sexual, enquanto apenas 7,4% afirmaram nunca ter deixado de utilizá-lo. Este é um dado relevante, evidenciando a falta de consistência no uso do preservativo pelas estudantes, e em períodos nos quais o método não é empregado, há um risco potencial de contrair IST's ou gerar uma gravidez.

Uma pesquisa conduzida por Delatorre et al. (2015) destaca diversas razões relatadas pelos entrevistados para a não utilização do preservativo, tais como confiança no parceiro, uso de ACO, a não percepção de sua importância como proteção às IST's, a possível redução do prazer e até mesmo a resistência do parceiro. Contudo, esse comportamento dificulta a

prevenção de ISTs, uma vez que o preservativo é o único método que oferece proteção eficaz contra essas infecções.

**Figura 4** – Ausência do uso de preservativo em alguma relação durante a vida sexual, relatados pelas acadêmicas do curso de Enfermagem da UEG Unidade Universitária de Ceres. Dados coletados em 2022.



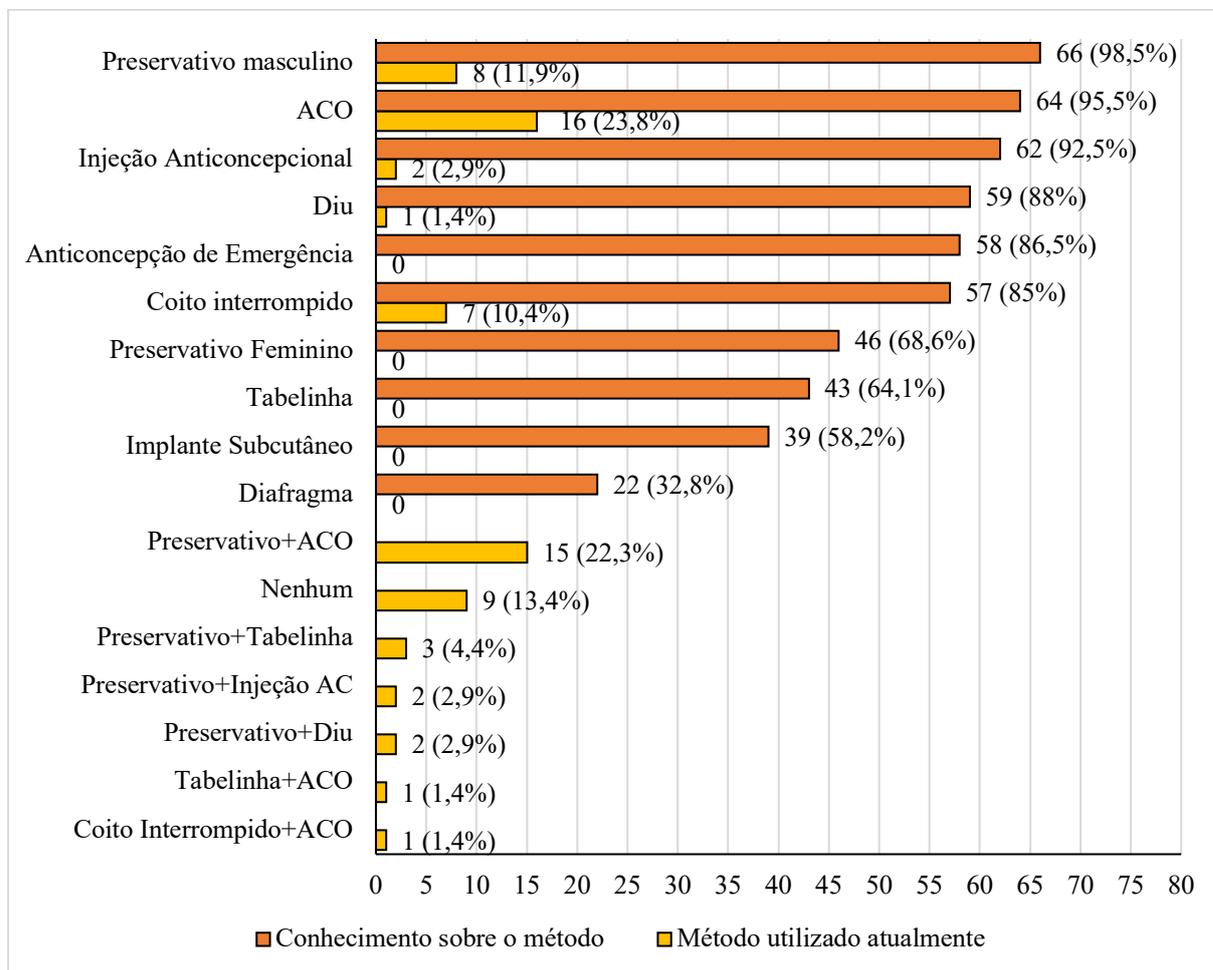
**Fonte:** NASCIMENTO, L.C.; ARCAMINHO, A.K.F.; DIAS-JR, W. 2023.

O conhecimento sobre os tipos de métodos contraceptivos é de fundamental importância, pois permite a utilização de forma correta, oferecendo proteção contra IST's e prevenção de gravidez. Os métodos conhecidos pelas discentes estão apresentados na Figura 5.

O preservativo masculino foi o mais mencionado, sendo citado por 98,5% (n=66) das acadêmicas, em seguida a pílula anticoncepcional foi citada por 95,5% (n=64) das jovens e injeção anticoncepcional, por 92,5% (n=62), corroborando com dados obtidos em outras pesquisas (DIAS et al., 2017 e DELATORRE, 2015). Nossos achados demonstram que as estudantes pesquisadas detêm de conhecimento a respeito dos tipos de métodos contraceptivos citados e sabem das diversidades ofertadas pelo mercado e pelo ministério da saúde.

Quanto ao método contraceptivo utilizado atualmente pelas acadêmicas, a Figura 5 evidencia que o preferido por 23,8% (n=16) das jovens é o Anticoncepcional via Oral (ACO), seguido do Preservativo + ACO (22,3%; n=15) e o Preservativo Masculino é usado por somente 11,9% (n=8).

**Figura 5** – Relação dos métodos contraceptivos conhecidos e utilizados atualmente pelas acadêmicas do curso de Enfermagem da UEG Unidade Universitária de Ceres. Dados coletados em 2022.



ACO: Anticoncepcional Oral; AC: Anticoncepcional; Diu: Dispositivo intrauterino. Foi permitido marcar mais de uma opção em relação ao método contraceptivo que as participantes conheciam. Valores se referem ao número de universitárias e a respectiva porcentagem em relação ao total de entrevistadas.

**Fonte:** NASCIMENTO, L.C.; ARCAMINHO, A.K.F.; DIAS-JR, W. 2023.

O Anticoncepcional Oral é um método bastante eficaz se usado corretamente, 3 em cada 1.000 mulheres engravidam utilizando esse método. O Preservativo Masculino, se usado em todas as relações sexuais, tem uma alta eficácia e reduz significativamente o risco de gravidez indesejada (2 gravidezes por 100 mulheres) e infecção por IST/HIV/AIDS (previne de 80 a 95%) (OMS, 2007; BRASIL, 2009).

Outro dado importante é a utilização da prática de coito interrompido por 10,4% (n=7) das estudantes (Figura 5). Mesmo sendo uma prática relatada pela literatura como comumente adotada pelos jovens, o coito interrompido não é aconselhado pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2007, p.255) e nem pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2009, p.42),

pois apesar de ser um método contraceptivo bastante utilizado, possui baixa eficácia na prevenção de gravidez, possibilitando alto índice de falha. Além de não prevenir das IST's. Por isso, seu uso não deve ser recomendado.

Segundo a OMS (2007, p.255) para cada 100 mulheres, em que o parceiro utiliza o coito interrompido, 27 ficam grávidas, além de não proteger contra as IST's.

Assim como o coito interrompido, a tabelinha também é um método comportamental muito usado pelas acadêmicas de Enfermagem da UEG Ceres, sendo ainda combinado com o uso do Preservativo (4,4%) ou com o ACO (1,4%). Outras combinações de baixa adesão observadas são: Preservativo + Injeção Anticoncepcional (2,9%), Preservativo + Diu (2,9%) e Coito Interrompido + ACO (1,4%) (Figura 5).

Conhecido os métodos contraceptivos de preferência das acadêmicas, a Tabela 2 mostra a distribuição dessas estudantes quanto aos motivos de escolha dos métodos utilizados atualmente por elas. Para 41,8% das jovens, o motivo de escolha foi “confiança no método” e “facilidade/praticidade”, seguidos da prevenção de IST's e gravidez (14,9%), evitar gravidez (7,4%) e conhecimento sobre o método (7,4%).

**Tabela 2** – Distribuição das acadêmicas do curso de Enfermagem da UEG Unidade Universitária de Ceres de acordo com os motivos que determinaram na escolha do método contraceptivo utilizado atualmente. Dados coletados em 2022.

Motivos de escolha do método	N	%
Confiança	14	20,9
Facilidade/Praticidade	14	20,9
Prevenir IST's e Gravidez	10	14,9
Evitar Gravidez	5	7,4
Detém Conhecimento	5	7,4
Indicação Médica	4	6,0
Evitar Efeitos Colaterais	3	4,4
Mais Acessível	3	4,4
Confiança e Tratamento SOP	2	3,0
Prevenir IST's	2	3,0
Em branco	5	7,4
Total	67	100

**Fonte:** NASCIMENTO, L.C.; ARCAMINHO, A.K.F.; DIAS-JR, W. 2023.

A partir disso, podemos observar que o maior motivo que determina na escolha do método pelas acadêmicas é evitar uma gravidez não planejada (22,3%) (representado pelos itens: Prevenir IST e Gravidez (14,9%) e Evitar gravidez (7,4%) na Tabela 2), enquanto a prevenção de IST's só é relatada por 17,9% das estudantes (representado pelos itens: Prevenir IST's e gravidez e Prevenir IST's na Tabela 2). Esse dado entra em concordância com o estudo de Delatorre et al. (2015) que identificou que “o uso do preservativo entre as jovens

aparece muito mais relacionado à prevenção da gravidez do que para evitar a aquisição de uma DST”.

Os resultados da Tabela 2 entram em concordância também com o estudo de Seabra et al. (2012), que aborda sobre a influência de profissionais da saúde na escolha de métodos contraceptivos. No entanto, destaca-se que, em sua maioria, o critério predominante na escolha é a praticidade.

A prevenção de IST's se dá pelo uso de preservativos, sendo o preservativo masculino o mais conhecido e utilizado. No entanto, existe o preservativo feminino que é uma forma de proteção importantíssima para as mulheres, tanto que está inserido nas políticas públicas no Brasil (VILLELA, 2015).

A Tabela 3 nos mostra a utilização do preservativo feminino pelas acadêmicas e os motivos para elas não usarem esse método. A grande maioria das participantes (95,5%) afirmaram nunca ter feito a utilização deste método, e apenas 2,9% afirmaram já ter feito o uso do preservativo feminino.

**Tabela 3** – Distribuição das acadêmicas do curso de Enfermagem da UEG Unidade Universitária de Ceres de acordo com a utilização ou não utilização do preservativo feminino e motivos para não utilizar. Dados coletados em 2022.

Característica	N	%
<b>Utilização do preservativo feminino</b>		
Sim	2	2,9
Não	64	95,5
Em branco	1	1,4
Total	67	100
<b>Motivos para não utilização</b>		
Parece desconfortável	15	22,3
Não sei usar	12	17,9
Menos acessível	11	16,4
Não tenho interesse	11	16,4
Parece difícil colocar	9	13,4
Parece incômodo	6	8,9
Não gosto do formato	2	2,9
Em branco	1	1,4
Total	67	100

**Fonte:** NASCIMENTO, L.C.; ARCAMINHO, A.K.F.; DIAS-JR, W. 2023.

De acordo com os motivos mais citados pelas acadêmicas para a não utilização do preservativo feminino, estão “parece desconfortável” com 22,3% seguido de “não sei usar” com 17,9% dos relatos.

É importante ressaltar que o preservativo feminino trouxe o “empoderamento” às mulheres, proporcionando maior autonomia, pois possibilita um meio de proteção que não depende do homem para sua utilização, e apresenta menor chance de rompimento se

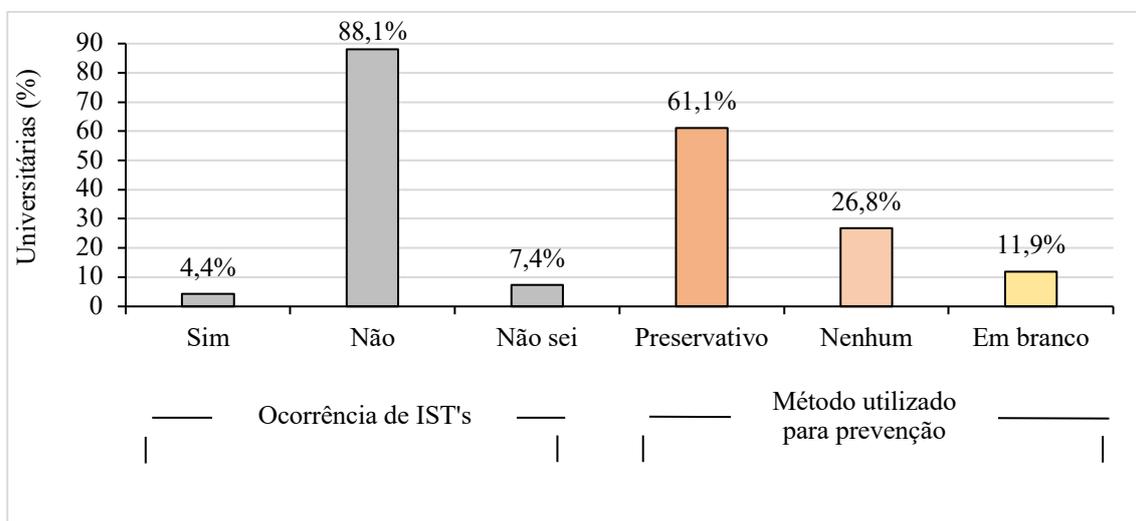
comparado ao preservativo masculino (GOMES TEIXEIRA, 2023; OLIVEIRA, WIEZORKIEWICZ, 2012).

Em nosso estudo, somente 17,9% afirmaram não usar por não saber como usar. Porém, 65,4% das futuras enfermeiras não têm conhecimento real da utilização do preservativo feminino, e sim uma ideia preconceituosa sobre esse método contraceptivo e de proteção contra IST's. Isso está de acordo com o estudo de Barboza et al. (2021) que demonstram o preconceito das estudantes como motivo para não utilizar o preservativo feminino, embasado no que elas já ouviram falar por outras pessoas.

Além disso, a disponibilidade do preservativo feminino também tem sido mostrada como fator importante para impulsionar o seu uso (MOREIRA et al., 2018). Entre os motivos citados pelas acadêmicas da UEG/Ceres para a não utilização do método, está a menor acessibilidade da camisinha feminina, se comparada ao preservativo masculino, que é encontrado facilmente em qualquer estabelecimento.

Gomes Teixeira (2023) afirma que as políticas públicas de prevenção sempre privilegiaram o sexo masculino “o preservativo masculino é amplamente distribuído, muitas vezes sendo usado como brinquedo, já a camisinha feminina é racionada e escondida (...)”. O método mais eficaz para a prevenção de IST's/HIV é o preservativo masculino e feminino, se utilizado corretamente e em todas as relações sexuais. A falta e/ou uso inadequado desse método aumenta os riscos de ocorrência de IST's. A Figura 6 apresenta que 4,4% (n=3) das acadêmicas afirmaram já ter contraído alguma infecção, dentre elas estão a clamídia e o HPV como principais.

**Figura 6** – Percentagem de distribuição das acadêmicas do curso de Enfermagem da UEG Unidade Universitária de Ceres quanto a ocorrência de IST's. Dados coletados em 2022.



**Fonte:** NASCIMENTO, L.C.; ARCAMINHO, A.K.F.; DIAS-JR, W. 2023.

Quando questionadas sobre qual método utilizavam para a prevenção de IST's 61,1% (n=41) das acadêmicas afirmaram utilizar o preservativo masculino, 26,8% (n=18) afirmaram não utilizar nenhum método e 11,9% (n=8) não responderam.

Segundo Gomes et al. (2011) a grande maioria das mulheres utilizam a camisinha masculina devido a uma série de valores impostos socialmente, como a confiança e a lealdade em seus parceiros. Além disso, a divulgação do preservativo feminino é quase nula, existindo mulheres que não sabem usar e outras, que nem conhecem essa possibilidade de prevenção.

Outro fator que implica na utilização do preservativo feminino é a comercialização, com o argumento de alto custo e inviabilidade de distribuição em campanhas. A distribuição deste preservativo nos postos de saúde é escassa, e quando existe, está restrita às profissionais do sexo ou a mulheres que portam o vírus do HIV (GOMES et al., 2011).

A camisinha feminina é um eficiente método de contracepção e prevenção de IST's/HIV, e tem como vantagens a praticidade no uso, pode ser colocada horas antes da relação sexual, possibilita maior autonomia às mulheres e maior conhecimento da sua própria anatomia.

Diante disso, fica evidente o desafio significativo em relação às estratégias de prevenção, uma vez que essas infecções sempre foram abordadas de maneira generalizada, em um contexto em que a principal preocupação estava voltada para a gravidez não planejada. Torna-se essencial priorizar as políticas públicas de educação sexual e promover uma conscientização mais ampla sobre as IST's e seus impactos na saúde.

## CONCLUSÃO

Este estudo foi realizado com jovens universitárias, e possibilitou identificar o conhecimento e as práticas dos métodos contraceptivos e preventivos de IST's pelas acadêmicas de Enfermagem da UEG Unu Ceres. Por este assunto ainda ser tratado como tabu nos dias de hoje, é possível que algumas alunas possam ter respondido o questionário com respostas socialmente aceitas, como também deixaram em branco algumas alternativas do questionário, trazendo lacunas a este estudo.

Contudo, a pesquisa conseguiu atingir seu objetivo assim como responder à pergunta norteadora, pois identificou que os métodos contraceptivos de preferência das acadêmicas do curso de Enfermagem da UEG Unu Ceres, foram a pílula anticoncepcional oral e a combinação entre o preservativo masculino e a pílula anticoncepcional oral. Entretanto, foi possível identificar que o principal motivo de escolha do método contraceptivo é a prevenção

de gravidez indesejada/precoce, revelando um comportamento de risco para contaminação por IST's.

Observou-se que as estudantes possuem conhecimento sobre os diversos tipos de métodos contraceptivos, porém com tanta diversidade disponível, alguns métodos são deixados de lado, provavelmente por não serem comuns ou por terem um complexo manuseio e barreiras ao acesso.

Deste modo, é possível concluir que apesar das acadêmicas de enfermagem possuírem acesso facilitado à informação, ainda necessitam de educação em saúde sexual, uma vez que as estudantes de um curso da área da saúde, não tinham conhecimento de todos os métodos preventivos.

Nosso trabalho oferece também, uma perspectiva da importância da participação dos Enfermeiros nas questões de educação em saúde, dentro e fora da universidade, por meio de ações estratégicas, aplicadas na forma de palestras, feiras e atendimentos, demonstrar aos discentes e à comunidade, na qual está inserido, a importância do preservativo masculino e feminino, como também a possibilidade de combinações de uso, associado a algum outro método contraceptivo para a prevenção de IST's e gravidez indesejada.

## REFERÊNCIAS

BARBOZA, J. S. D. A. SILVA, J. M. O. RODRIGUES, S. T. C. MELO, R. L. B. SILVA, R. S. C. PALMEIRA, L. F. P. Utilização de métodos contraceptivos entre discentes do curso de Enfermagem de uma Universidade do Nordeste. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 4, e20410413886, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i4.13886>. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/13886> . Acesso em: 27 de janeiro de 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher – PNDS 2006: dimensões do processo reprodutivo e da saúde da criança/ Ministério da Saúde, **Centro Brasileiro de Análise e Planejamento**. – Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Direitos sexuais, direitos reprodutivos e métodos anticoncepcionais / Ministério da Saúde, **Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas**. – Brasília: Ministério da Saúde, 2009. Disponível em: [https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/direitos\\_sexuais\\_reprodutivos\\_metodos\\_anti\\_concepcionais.pdf](https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/direitos_sexuais_reprodutivos_metodos_anti_concepcionais.pdf). Acesso em: 10 de março de 2022

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde sexual e saúde reprodutiva / Ministério da Saúde, **Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica**. – 1. ed., 1. reimpr. – Brasília: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em:

[https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude\\_sexual\\_saude\\_reprodutiva.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_sexual_saude_reprodutiva.pdf). Acesso em: 10 de março de 2022.

BRASIL a. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim epidemiológico: Hepatites virais 2017**. Brasília: Ministério da saúde, 2017a. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2017/boletim-epidemiologico-hivaid-2017>. Acesso em: 28 de janeiro de 2022.

BRASIL b. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim epidemiológico: HIV Aids 2017**. Brasília: Ministério da saúde, 2017b. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2017/boletim-epidemiologico-hivaid-2017>. Acesso em: 28 de janeiro de 2022.

BRASIL c. Ministério da saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim epidemiológico: Sífilis 2017**. Brasília: Ministério da saúde, 2017c. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/ptbr/pub/2017/boletim-epidemiologico-de-sifilis-2017>. Acesso em: 28 de janeiro de 2022.

CARVALHO, C. S.; CALDERARO, F; SOUZA, S. J e. O dispositivo "saúde de mulheres lésbicas": (in)visibilidade e direitos. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v. 13, n. 26, p. 111-127, abr. 2013 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v13n26/v13n26a08.pdf>. Acesso em: 14 de abril de 2023.

CASTRO, E. L., et al. O conhecimento e o ensino sobre doenças sexualmente transmissíveis entre universitários. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, n. 6, p. 1975-1984, 2016. DOI: 10.1590/1413-81232015216.00492015 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/trKSmLBwFPd3LC4x64N4Tnf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 de março de 2023.

DELATORRE, M. Z., et al. Conhecimentos e práticas sobre métodos contraceptivos em estudantes universitários. **SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo Revista da SPAGESP**, v. 16, n. 1, p. 60-73, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v16n1/v16n1a06.pdf>. Acesso em: 23 de março de 2023.

DIAS, E. G.; JORGE, S. A.; ALVEZ, B, V, C.; ALVES, J. C. S. Conhecimento e comportamento dos adolescentes de uma escola pública sobre sexualidade e métodos contraceptivos. **Revista baiana de saúde pública**, v. 41, n. 1, p. 2408. 2017. DOI: 10.22278/2318-2660. Disponível em: <https://rbsp.sesab.ba.gov.br/index.php/rbsp/article/view/2408/2183>. Acesso em: 12 de abril de 2023.

FERNANDES, M.; DANTAS SOLER, L.; BURGOS PAIVA LEITE, M. C. Saúde das mulheres lésbicas e atenção à saúde: nem integralidade, nem equidade diante das invisibilidades. **BIS. Boletim do Instituto de Saúde**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 37-46, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.52753/bis.2018.v19.34590>. Acesso em: 30 de junho de 2022.

GOMES, V. L. O; FONSECA, A. D; JUNDI, M. G; SEVERO, T. P. Percepções de casais heterossexuais acerca do uso da camisinha feminina. **Esc Anna Nery**, v. 15, n 1, p. 22-30. jan-mar; 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-81452011000100004>. Acesso em: 18 de setembro de 2022.

GOMES TEIXEIRA, P. M. A política pública de distribuição do preservativo feminino: Uma revisão sistemática da literatura. **RECISATEC - Revista Científica Saúde e Tecnologia** - ISSN 2763-8405, v. 3, n. 1, p. e31244, 2023. DOI: 10.53612/recisatec.v3i1.244. Disponível em: <https://recisatec.com.br/index.php/recisatec/article/view/244>. Acesso em: 27 de junho de 2023.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa nacional de saúde 2013: ciclos de vida: Brasil e grandes regiões. **IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento**. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94522.pdf> Acesso em: 05 de fevereiro de 2022.

LIMA, M. A. S. de. **Vulnerabilidade e prevenção às DST's nas práticas afetivo-sexuais de lésbicas**. p. 127. 2016. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/8184/2/arquivototal.pdf>. Acesso em: 25 de junho de 2022.

LIMA FILHO, et al. Educação em saúde: uma revisão sobre prevenção da gravidez na adolescência. *Journal of Education Science and Health*, v. 3, n. 1, p. 1-11. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.52832/jesh.v3i1.171>. Acesso em: 27 de junho de 2023.

MOREIRA, L. R., et al. Uso de preservativos na última relação sexual entre universitários: quantos usam e quem são? **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 4, Abr 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018234.16492016>. Acesso em: 06 de janeiro de 2022.

OLIVEIRA, J. C. P.; WIEZORKIEWICZ, A. M. O conhecimento das mulheres sobre o uso do preservativo feminino. **Ágora: revista de divulgação científica**, v. 17, n. 1, p. 79-84, 2012. DOI: 10.24302/agora.v17i1.52. Disponível em: <http://www.periodicos.unc.br/index.php/agora/article/view/52>. Acesso em: 15 de maio de 2023.

OMS. Organização Mundial da saúde. Departamento de Saúde Reprodutiva e Pesquisa (SRP) e Escola Bloomberg de Saúde Pública/Centro de Programas de Comunicação (CPC) da Universidade Johns Hopkins, Projeto INFO. Planejamento Familiar: Um Manual Global para Prestadores de Serviços de Saúde. **Baltimore e Genebra: CPC e OMS**, 2007. Disponível em: [https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/44028/9780978856304\\_por.pdf;jsessionid=E1DFAoE5556281732E3C414FDFA45CAB?sequence=6](https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/44028/9780978856304_por.pdf;jsessionid=E1DFAoE5556281732E3C414FDFA45CAB?sequence=6). Acesso em: 24 de setembro de 2022.

ONU NEWS, 64% das mulheres usaram algum tipo de método anticoncepcional em 2015. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2016/01/1538811-64-das-mulheres-usaram-algum-tipo-de-metodo-anticoncepcional-em-2015>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2022.

PAIVA, E. M. das C.; DIAS, J. F.; CALHEIROS, A. P.; NOGUEIRA, D. A.; BRESSAN, V. R.; CALHEIROS, C. A. P. Uso de métodos contraceptivos entre acadêmicos da área da saúde. **Semina: Ciências Biológicas e da Saúde**, v. 41, n. 2 Supl, p. 331-340, 2020. DOI: 10.5433/1679-0367.2020v41n2Supl331. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/seminabio/article/view/38965>. Acesso em: 03 de junho de 2022.

SANTOS, M. J. O.; FERREIRA, E. M. S.; FERREIRA, M. M. C. Comportamentos contraceptivos de estudantes portugueses do ensino superior. **Rev. Bras. Enfermagem**. 2018; v.71, n.4, p. 1706- 13. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0623>. Acesso em: 11 de dezembro de 2022.

SARMENTO, M. S. R. A.; SALES, J. C. S.; SILVA JÚNIOR, F. J. G.; PARENTE, A. C. M. Comportamentos sexuais e o uso de métodos contraceptivos em universitárias da área da saúde. **REME – Rev Min Enferm**. 2018, n. 22, p. 1112. DOI: 10.5935/1415-2762.20180040. Disponível em: <http://www.revenf.bvs.br/pdf/reme/v22/1415-2762-reme-22-e1112.pdf>. Acesso em: 27 de janeiro de 2022.

SEABRA, L. O. et al. Conhecimento de métodos contraceptivos por universitários da área de saúde. **Universidade Federal do Piauí**, 2012. Disponível em: <http://leg.ufpi.br/21sic/Documentos/RESUMOS/Modalidade/Vida/Larissa%20de%20Oliveira.pdf>. Acesso em: 13 de setembro de 2022.

SILVA C. D.; MARTINS G. D. M.; FONSECA A. D.; GOMES, V. L. O. Métodos contraceptivos: conhecimento e prática de formandos em enfermagem. **Rev enferm UFPE on line.**, Recife, v. 7, n. 11, p. 8-6322, nov., 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistaenfermagem/article/view/12275/14925>. Acesso em: 04 de fevereiro de 2022.

SILVA, K. S. D. **Uso de métodos contraceptivos por estudantes de graduação**. Monografia (Curso de Enfermagem) Centro Universitário de João Pessoa – UNIPÊ. JOÃO PESSOA – PB, 2019. Disponível em: <https://bdtcc.unipe.edu.br/wp-content/uploads/2020/02/TCC-KARLA-vers%C3%A3o-final-19-12-19.pdf>. Acesso em: 03 de fevereiro de 2022.

SOUZA, R. A. de. Pílula do Dia Seguinte: uma revisão de literatura sobre a Anticoncepção de Emergência. **Cadernos UniFOA**, Volta Redonda, v. 4, n. 8, p. 58–76, 2017. Disponível em: <https://revistas.unifoa.edu.br/cadernos/article/view/926>. Acesso em: 18 de novembro de 2022.

VILLELA, W. V. Sobre o preservativo feminino e os entraves para a sua disseminação no país Algumas reflexões. **Boletim ABIA**, v. 60, p. 5-7, 2015. Disponível em: [https://abiaids.org.br/wp-content/uploads/2015/06/BOLETIM\\_ABIA\\_60\\_site.pdf](https://abiaids.org.br/wp-content/uploads/2015/06/BOLETIM_ABIA_60_site.pdf). Acesso em: 27 de março de 2022.